

AINDA SOBRE A EQUIVOCIDADE DE “*SUBSTANTIA*” E “*SUBSISTENTIA*” NO *CONTRA EUTYCHEN ET NESTORIUM* DE BOÉCIO¹

Fabrizio Klain Cristofoletti
*Professor Adjunto do Centro de Filosofia, Letras e Educação
Universidade Estadual Vale do Acaraú*

RESUMO: Embora a equivocidade dos termos “*substantia*” e “*subsistentia*” no opúsculo *Contra Eutychem et Nestorium* de Boécio tenha sido objeto de um longa tradição de comentários, estudos recentes ainda resultam, no entanto, em interpretações bastante conflituosas. Todavia, pode-se defender que, embora os significados de “*substantia*” sejam reduzidos por Boécio a um único, a saber, substrato particular que contém acidentes, “*subsistentia*” continua em si mesma equívoca, ora significando o que é universal, ora significando um substrato particular que não carece de acidentes para ser o que é. Contudo, tal equivocidade derivada do verbo “*subsisto*” revela justamente a intenção boeciana de utilizá-lo para mostrar a necessidade de certa correspondência entre os domínios do ser e da inteligência.

Palavras-chave: Equivocidade; Linguagem; Predicação; Ser; Boécio.

ABSTRACT: Although the equivocalness of the terms “*substantia*” and “*subsistentia*” in Boethius’s treatise *Contra Eutychem et Nestorium* has been subject of a long tradition of commentaries, recent studies still result, however, in quite conflicting interpretations. Nevertheless, it may be argued that although the meanings of “*substantia*” are reduced by Boethius to only one, namely, particular substrate that contains accidents, “*subsistentia*” remains in itself equivocal, sometimes meaning what is universal, sometimes meaning a particular substrate that does not depend on accidents to be what it is. However, the equivocity derived from the verb “*subsisto*” reveals precisely the Boethius’s intention of using it to show the need for a certain correspondence between the fields of being and intellection.

Keywords: Equivocity; Language; Predication; Being; Boethius.

¹ Este trabalho é resultado de uma pesquisa de Pós-Doutorado em Filosofia na Universidade de São Paulo (USP).

1 Introdução

A equivocidade dos termos “*substantia*” e “*subsistentia*” no *Contra Eutychen et Nestorium* (*CEN*) de Boécio é objeto de comentários desde a Idade Média, mas ainda hoje continua sendo uma questão aberta, como se nota pelos dados fornecidos por Moreschini (2014). Esse problema se torna ainda mais complexo, porém, quando associado à visão que Boécio teria sobre a linguagem, sobretudo em relação aos universais (KING, 2011). Tal questão reapareceu, recentemente, em um artigo da filósofa Blanca Castilla de Cortázar (2017), onde são retomadas as duas principais definições de pessoa (*persona*) do *CEN*. Na primeira definição, pessoa é dita “substância individual de natureza racional” (*naturae rationabilis indiuidua substantia*), enquanto que, na segunda, é dita “subsistência individual de natureza racional” (*naturae rationabilis indiuidua subsistentia*; *CEN* 3).² O motivo dessa variação terminológica, como nota Cortázar (2017, pp. 91-92), está ligada à tentativa boeciana de esclarecer os significados de *subsistentia* e *substantia* neste passo:

Para usar uma frase grega em relação a essas coisas que, produzidas pelos gregos, foram transmitidas com interpretação latina, αἰ οὐσίαι ἐν μὲν τοῖς καθόλου εἶναι δύνανται ἐν δὲ τοῖς ἀτόμοις καὶ κατὰ μέρος μόνοις ὑφίστανται, isto é, as essências certamente podem ser nos universais, mas somente nos indivíduos e nos particulares é que elas são substâncias. A inteligência dos universais é retirada, com efeito, dos particulares. Por isso, como as próprias substâncias são certamente nos universais, mas tomam substância nos particulares, com justiça os gregos chamam de ὑποστάσεις as substâncias que particularmente são substâncias. (*CEN* 3).³

2 Há ainda uma terceira definição ou, pelo menos, uma abreviação das definições anteriores: “indivíduo racional” (*rationale indiuiduum*), conferir *CEN* 3. Todas as traduções são próprias, salvo menção em contrário, explicitada por meio de citação direta.

3 *Atque, uti Graeca utar oratione in rebus quae a Graecis agitata Latina interpretatione translata sunt: αἰ οὐσίαι ἐν μὲν τοῖς καθόλου εἶναι δύνανται ἐν δὲ τοῖς ἀτόμοις καὶ κατὰ μέρος μόνοις ὑφίστανται, id est: essentiae in uniuersalibus quidem esse possunt, in solis uero indiuiduis et particularibus substant. Intellectus enim uniuersalium rerum ex particularibus sumptus est. Quocirca cum ipsae subsistentiae in uniuersalibus quidem sint, in particularibus uero capiant substantiam, iure subsistentias particulariter substantes ὑποστάσεις appellauerunt.* (MORESCHINI, 2000, p. 215-6).

Na interpretação de Cortázar (2017), embora Boécio tenha distinguido os significados de “*subsistentia*” e “*substantia*”, no final das contas ele teria igualado os significados de “*subsistentia indiuidua*” e “*substantia indiuidua*”, bem como teria limitado o significado de “*subsistentia*” apenas às noções universais:

Por fim, porém, ele considera que hipóstase, nomeadamente subsistência individual, significa o mesmo que substância individual, pois, mesmo reconhecendo que substância e subsistência não significam exatamente o mesmo, ele acredita que a noção de subsistência só pode ser aplicada a noções universais. Portanto, a subsistência individual é resolvida dentro da substância individual. (CORTÁZAR, 2017, p. 91-92).⁴

Todavia, tal interpretação parece discutível. Ainda que, a favor dessa tese, acrescente-se o fato de que a locução “*subsistentia indiuidua*” não reaparece após o capítulo 3, mas apenas “*substantia indiuidua*”, o que comprovaria aquela predileção e resolução boeciana por essa segunda expressão, parece temerário concluir, no entanto, que Boécio tenha preferido igualar a significação dessas duas expressões e reservar “*subsistentia*” apenas para as noções universais. Ao contrário, a presença do verbo “*subsisto*” e sua relação com o que é individual parece indicar, inclusive depois do capítulo 3, que o conceito de *subsistentia* não se limita aos universais. Mas, antes de examinar cada uma das passagens em que o verbo “*subsisto*” aparece depois do capítulo 3, é proveitoso que se faça uma análise da estrutura do texto de Boécio e dos termos mais importantes para que, posteriormente, seja possível relacioná-los com as ocorrências do verbo “*subsisto*”.

2 A definição de natureza (CEN 1)

No primeiro capítulo, Boécio insiste na necessidade de examinar as diversas significações do termo “*natura*” (“natureza”). Somente após esse passo é que o autor

⁴ *In the end, however, he considers hypostasis, namely, individual subsistence, to mean the same as individual substance, for, even while recognizing substance and subsistence do not mean exactly the same, he believes the notion of subsistence can only be applied to universal notions. Hence, individual subsistence is resolved into individual substance.* (CORTÁZAR, 2017, p. 91-92). Cortázar é influenciada por Guillén (1984) quanto à tese da igualdade entre *substantia indiuidua* e *subsistentia indiuidua*.

tentará defini-lo e aplicá-lo a Cristo, já que as polêmicas levantadas por Êutiques e Nestório são cristológicas. Inicialmente, Boécio revela três possíveis significações para o termo “natureza”: “‘Natureza’ pode ser dita ou dos corpos apenas ou das substâncias apenas, isto é, corpóreas e incorpóreas, ou de tudo o que se diz, de algum modo, ser [esse].” (CEN 1).⁵ O termo mais técnico aqui é, evidentemente, “substância”. O autor não explica imediatamente, porém, o seu sentido. Ele prefere, antes, esclarecer a terceira significação, de modo a gerar uma primeira definição de natureza:

Pois se convém dizer “natureza” de todas as coisas que são, dar-se-á uma definição que possa incluir todas as coisas que são. Será, portanto, do seguinte modo: “natureza” é própria daquelas coisas que, por serem, podem ser apreendidas de algum modo pelo intelecto. Nessa definição, portanto, são definidos tanto os acidentes como as substâncias, pois todos eles podem ser apreendidos pelo intelecto. (CEN 1).⁶

Por conseguinte, nota-se, em primeiro lugar, que a natureza pode ser definida como aquilo que é de algum modo e que pode ser apreendida pelo intelecto. Segundo Chadwick (1990, p. 191), essa definição é uma adaptação do modo como a tradição pitagórica definia a filosofia, “o conhecimento das coisas que são, na medida em que são”. O comentador não explica, porém, por quais meios Boécio teria conhecido tal fonte dita pitagórica. Seja como for, deve-se observar, em segundo lugar, que a natureza, sendo tudo o que é, pode ser tanto ao modo da substância como ao modo do acidente. Nesse ponto, tem-se um primeiro esclarecimento textual do que é substância: trata-se do oposto de acidente. Assim, enquanto a brancura, por exemplo, é uma natureza accidental de Sócrates, ser homem é a natureza permanente de Sócrates, é a sua substância, aquilo “que está sob” (*substans*) todos os acidentes de Sócrates. Tendo-se em vista, sobretudo, as *Categoriae* de Aristóteles, que Boécio leu e comentou⁷, onde a categoria da

5 *Natura igitur aut de solis corporibus dici potest aut de solis substantiis, id est corporeis atque incorporeis, aut de omnibus rebus quae quocumque modo esse dicuntur.* (MORESCHINI, 2000, p. 209).

6 *Nam si de omnibus rebus naturam dici placet, talis definitio dabitur quae res omnes quae sunt possit includere. Erit ergo huiusmodi: ‘natura est earum rerum quae, cum sint, quoquo modo intellectu capi possunt’. In hac igitur definitione et accidentia et substantiae definiuntur; haec enim omnia intellectu capi possunt.* (MORESCHINI, 2000, p. 209).

7 Boécio não apenas leu em grego a *Isagoge* de Porfírio e todo o *Organon* de Aristóteles, mas os traduziu por volta do ano 500 e posteriormente os comentou entre 505 e 510 (BARRETT, 1966, p. 41; MARENBOON, 2003, p. 18).

substância é separada das demais categorias, ditas acidentais, a inspiração de Boécio para aquela definição parece ser, na verdade, mais aristotélica do que pitagórica.

Ainda sobre essa terceira definição de natureza, Boécio nota que a intelecção da coisa, seja de um acidente, seja de uma substância, não ocorre sempre da mesma maneira. Embora muitas coisas possam ser apreendidas pelo intelecto e, por isso, possam ser chamadas de naturezas, há, por outro lado, outras que só são entendidas por privação ou negação de todas as outras coisas já apreendidas. A matéria e Deus, por exemplo, só podem ser entendidas por privação ou negação. Ainda que Boécio não explique como ocorrem os processos de privação e de negação, pode-se supor, no caso da matéria, que a mesma, sendo inferior a todas as outras coisas, só pode ser entendida por meio do ato de privar todas as coisas materiais de todos os seus modos de ser, cujo resultado só poderá ser a matéria em si mesma. Quanto a Deus, por ser superior a tudo o que é, supõe-se que a sua natureza só pode ser entendida quando se nega que a mesma seja qualquer um dos modos de ser de qualquer uma das coisas que são.

Na sequência, porém, Boécio retoma a segunda significação de “natureza”, a saber, substância corpórea ou incorpórea, a fim de obter uma nova definição de natureza que só possa ser aplicada às substâncias, jamais aos acidentes:

Se, porém, somente das substâncias é que se diz “natureza”, porque todas as substâncias são corpóreas ou incorpóreas daremos à natureza uma definição que signifique as substâncias do seguinte modo: “natureza é ou o que pode fazer ou o que pode sofrer”. (CEN 1).⁸

A fonte mais provável dessa definição, segundo Chadwick (1990, p. 191) é o *Sophista* de Platão.⁹ Na seção 247d-e, pode-se ler a seguinte formulação sobre a natureza do ser, proferida pelo anônimo estrangeiro de Eleia:

[...] o que possui um poder qualquer ou para agir sobre não importa o quê, ou para sofrer a ação, por menor que seja, do agente mais insignificante, mesmo se por uma única vez, é um ser real [...] (COSTA; PALEIKAT; SOUZA,

8 *Sin uero de solis substantiis natura dicitur, quoniam substantiae omnes aut corporeae sunt aut incorporeae, dabimus definitionem naturae substantias significanti huiusmodi: 'natura est uel quod facere uel quod pati possit'*. (MORESCHINI, 2000, p. 209).

9 Além do *Sophista*, 247d-e, Chadwick (1990, p. 191) ainda indica outra possível fonte, embora o texto não seja tão próximo ao de Boécio: Platão, *Phaedrus*, 270d.

1972, p. 176, tradução modificada nos grifos).¹⁰

Contudo, nota-se que, embora Platão reconheça nos seres o poder (δύναμις) de agir (ποιεῖν) ou de sofrer (παθεῖν), ele ainda não o chama de natureza. De acordo com Savian Filho (2005, p. 223, n. 82), é mais provável que a fonte de Boécio seja alguma lição neoplatônica, talvez de Proclo ou de Porfírio. Por exemplo, uma concepção muito parecida com a definição de Boécio se encontra na *Institutio theologica* de Proclo (80):

Todo corpo, por natureza é passivo (lit. ‘por natureza sofre’ – πάσχειν... τέφυκε), todo ser incorpóreo, ao contrário, é ativo (lit. ‘por natureza faz’ – τέφυκε... ποιεῖν), pois um é incapaz de ação (ἀδρανές) e o outro de passividade (ἀπαθές). Porém, o incorpóreo também sofre por meio e por causa da união com o corpo (τὴν... τὸ σῶμα κοινωνίαν). (SAVIAN FILHO, 2005, p. 223, nota 82).¹¹

Percebe-se que Proclo afirma que a natureza do corpo, ou seja, a substância corpórea, define-se como aquilo que pode sofrer, enquanto que a natureza da alma, isto é, a substância incorpórea, define-se como aquilo que pode agir, mas que também, por causa da sua união com o corpo, pode sofrer por meio dele. É muito provável, portanto, que Boécio tenha tomado contato com esse texto ou com alguma lição neoplatônica parecida.¹²

Contudo, Boécio reconhece que não somente a primeira definição, mas também essa nova, fundada no poder de agir e sofrer, requer um esclarecimento com relação a Deus: não se aplica o poder de sofrer à substância divina, já que Deus é incorpóreo e imaterial, mas unicamente a alternativa de “apenas fazer” (*facere tantum*).

Por fim, já no final do primeiro capítulo, Boécio retoma a primeira significação de “natureza”, aquela restrita à substância corpórea, a fim de gerar uma definição que lhe seja apropriada. Desta vez, ele explicita uma autoridade principal para fundamentar sua

10 Platão, *Sophista*, 247d-e. ΞΕ. Λέγω δὴ τὸ καὶ ὁποιαοῦν κεκτημένον δύναμιν εἴτ’ εἰς τὸ ποιεῖν ἕτερον ὀτιοῦν πεφυκὸς εἴτ’ εἰς τὸ παθεῖν καὶ μικρότατον ὑπὸ τοῦ φαυλοτάτου, κἂν εἰ μόνον εἰσάπαξ, πᾶν τοῦτο ὄντως εἶναι. (STALLBAUM, 1980, vol. 8, s. 2, p. 149).

11 Πᾶν σῶμα πάσχειν καθ’αὐτό τέφυκε πᾶν δεῦσώματων ποιεῖν τὸ μὲν ἀδρανές ὄν καθ’αὐτό τὸ δεῦαπαθές. Πάσχει δὲ καὶ τὸ ἀσώματων διὰ τὴν πρὸς τὸ σῶμα κοινωνίαν. (DALMASSO, 1996, p. 27 *apud* SAVIAN FILHO, 2005, p. 223, nota 82).

12 Outra possível fonte de teor conceitual muito semelhante é indicada e citada por Savian Filho (2005, p. 223, nota 83): Porfírio, *Sententiae ad intelligibilia ducentes*, 18.

definição, trata-se de Aristóteles:

[...] se o nome “natureza”, descartadas as substâncias incorpóreas, restringe-se às corpóreas, de modo que apenas as substâncias corpóreas pareçam ter natureza, como julgaram Aristóteles e outros, bem como os seguidores tanto da filosofia ao modo dele como de uma diversificada, defini-la-emos como esses que estabeleceram que não há natureza senão nos corpos. Sua definição é deste modo: natureza é o princípio do movimento por si, não por acidente. (*CEN* 1).¹³

De fato, conforme se lê na *Physica* de Aristóteles (2.192b), que é a fonte remota de Boécio, é natural ao corpo ter algum princípio de movimento e de repouso que lhe seja próprio, como, por exemplo, o movimento que empurra para baixo os corpos cujo elemento predominante é a terra. É o caso do movimento de uma cama de madeira, segundo a ilustração de Boécio, também em conexão com o exemplo dado por Aristóteles no mesmo lugar da *Physica*. Como a cama é feita de madeira e o elemento predominante na madeira é a terra, cujo movimento natural é para baixo, é natural que seu movimento também seja para baixo, não em virtude da arte de quem produziu a cama, pois isso é acidental, mas em função do predomínio do elemento terroso.¹⁴

Contudo, é evidente que essa definição, tanto quanto as outras duas, pouco ajudam no caso de uma definição de natureza que também abarque a natureza divina, que é o âmago do embate contra os eutiqueanos e nestorianos. Essa parece ser a razão, portanto, de Boécio apresentar, no final do primeiro capítulo, outra significação (*significatio*) de natureza que não havia sido enunciada na lista tríplice inicial. Essa quarta espécie de significação ocorre, por exemplo, quando se diz que a natureza do ouro é “diversa” (*diuersam*) da natureza da prata, ou seja, quando se diz que algo possui uma diferença própria, certa “propriedade” (*proprietas*). Assim, considerando apenas essa significação de natureza, Boécio propõe mais uma definição. A formulação é

13 [...] *si naturae nomen relictis incorporeis substantiis ad corporales usque contrahitur, ut corporeae tantum substantiae naturam habere uideantur, sicut Aristoteles caeterique et eiusmodi et multimodae philosophiae sectatores putant, definiemus eam ut hi etiam qui naturam non nisi in corporibus esse posuerunt. Est autem eius definitio hoc modo: 'natura est motus principium se, non per accidens.* (MORESCHINI, 2000, p. 210-1).

14 É notório, portanto, que Boécio leu a *Physica* de Aristóteles ou, no mínimo, alguma glosa. De fato, segundo Chadwick (1990, p. 139), Boécio certamente escreveu, depois do *CEN*, um manual sobre a *Physica* de Aristóteles, pois isso pode ser deduzido de duas passagens do comentário *In librum Aristotelis De Interpretatione* (2.190.13, 458.27) e uma dos seus *In Topica Ciceronis commentaria* (1153B).

retirada novamente da *Physica* de Aristóteles (2.193a28-31): “[...] natureza é a diferença específica que forma cada coisa.” (*CEN* 1).¹⁵

Pode-se perceber, portanto, que essa última definição de natureza é a única que pode, de fato, determinar tanto a natureza humana de Cristo como a sua natureza divina, pois cada uma consiste numa diferença específica. Como enfatiza o próprio Boécio, “[...] tanto os católicos como Nestório estabelecem, segundo a última definição, que há duas naturezas em Cristo, pois em Deus e no homem não convergem diferenças que sejam as mesmas.” (*CEN* 1).¹⁶ De fato, tanto os católicos quanto os nestorianos notam duas naturezas em Cristo em função de duas diferenças específicas, mas enquanto os primeiros entendem que Cristo é uma só pessoa com duas naturezas, os nestorianos consideram que, por ter Cristo duas naturezas, também há nele duas pessoas. É por essa razão que Boécio passará à tentativa de definir, no segundo capítulo do *CEN*, o que é pessoa, a qual envolverá a tentativa de superar a equivocidade dos termos “substância” e “subsistência”.

3 A definição de pessoa pelos termos “substância” e “subsistência” (*CEN* 2-3)

Examinadas as principais significações e as respectivas definições do que se chama “natureza”, resta investigar, portanto, como Boécio define o que é pessoa e como isso possibilita melhor compreensão dos significados de “substância” e “subsistência”.

Mas antes de definir o que é pessoa, o autor examina, no começo do capítulo 2, as possíveis relação de ser entre natureza e pessoa. Se natureza for tudo aquilo que é ou “tem” (*habet*) pessoa, como pensam os nestorianos, mas também os eutiqueanos, tem-se um “nó indissolúvel” (*indissolubilis nodus*), pois não seria possível fazer a presumível distinção entre o que cada uma dessas duas palavras diferentes indicam, como defendem os católicos. Mas se nem toda natureza for pessoa, pois pessoa parece ser algo mais restrito do que natureza, que “subsiste abaixo do limite e da extensão da natureza” (*infra terminum spatiumque naturae subsistit*), ou seja, dentro do conjunto de tudo o que é ser (*esse*), segundo a primeira e generalíssima significação de natureza, só restaria a

15 [...] *natura est unamquamque rem informans specifica differentia*. (MORESCHINI, 2000, p. 212).

16 [...] *tam catholici quam Nestorius secundum ultimam definitionem duas in Christo naturas esse constituent; neque enim easdem in Deum atque hominem differentias conuenire*. (MORESCHINI, 2000, p. 212).

dificuldade de saber quais naturezas podem ou não podem ser pessoas:

[...] se pessoa não é igual a natureza, mas subsiste abaixo do limite e da extensão de natureza, é difícil dizer a quais naturezas ocorre pessoa, isto é, a quais naturezas convém ter pessoa e a quais convém serem afastadas do vocábulo “pessoa”. (CEN 2).¹⁷

Note-se que, nessa primeira ocorrência do verbo “*subsisto*”, subsistir significa ser algo limitado, tal como uma substância é mais limitada do que um universal ou uma diferença específica que forma uma coisa. Mas seria toda pessoa, portanto, substância? É preciso examinar a sequência do texto, pois Boécio escolherá, evidentemente, a alternativa que distingue pessoa de natureza, a única saída para a resolução dos embaraços criados por nestorianos e eutiqueanos, a fim de desenvolver uma explicação sobre os modos pelos quais é possível dizer “pessoa”.

Primeiramente, quando “natureza” significa acidente, obviamente disso não se pode predicar “pessoa”, pois seria absurdo dizer, por exemplo, que “brancura é pessoa”.

Em segundo lugar, quando “natureza” significa substância corpórea, dela é possível predicar “pessoa” se a substância corporal for não somente viva e animal, mas também estiver atrelada à alma racional, ou seja, se for um homem.

Em terceiro lugar, quando “natureza” significa substância incorpórea, dela é possível predicar “pessoa” se a substância incorpórea não apenas for viva, como a alma de uma besta, mas também racional, seja passível, como a alma humana ligada ao corpo passível, seja impassível, como Deus, um anjo ou uma alma humana agraciada com a impassibilidade.

Em quarto lugar, quando “natureza” significa simplesmente substância, há dois casos. Quando se tratar de uma “substância universal” (*uniuersalis substantia*)¹⁸, isto é, um universal, dela não se poderá predicar “pessoa”. Como ilustra Boécio, “[...] não há pessoa de animal ou de homem em geral, mas de Cícero ou Platão ou indivíduos singulares se diz “pessoas singulares.” (CEN 2).¹⁹ Por outro lado, quando se tratar de

17 [...] *si non aequatur persona naturae sed infra terminum spatiumque naturae persona subsistit, difficile dictu est ad quas usque naturas persona perueniat, id est quas naturas conueniat habere personam, quas a personae uocabulo segregari.* (MORESCHINI, 2000, p. 212).

18 Aristóteles chama-a de “substância segunda” (δεύτερα οὐσία), cf. *Cat.* 5.

19 [...] *animalis enim uel generalis hominis nulla persona est sed uel Ciceronis uel Platonis uel*

uma “substância particular” (*particularis substantia*), como Sócrates etc., substâncias “[...] que não podem absolutamente ser predicadas de outras” (*CEN 2*)²⁰, de cada uma delas se poderá predicar o termo “pessoa”.

Note-se, porém, que o verbo “*subsisto*” não foi aqui utilizado para se referir ao substrato limitado, desta vez chamado de “substância particular”. Além disso, é digna de nota a equívocidade do termo *substantia*, que só é superada pelo acréscimo dos adjetivos *uniuersalis* e *particularis*.

Seja como for, essa análise sobre as possíveis relações entre pessoa e os significados de “natureza” já permite uma primeira definição do que é pessoa, enunciada por Boécio no início do capítulo 3: “[...] substância individual de natureza racional” (SAVIAN FILHO, 2005, p. 165).²¹ Aqui, pessoa é entendida como uma substância particular que possui uma diferença específica, natureza, a saber, ser racional.

Contudo, mesmo após ter obtido tal definição de pessoa, o autor ainda faz questão de refletir sobre a origem do termo latino “*persona*” e a possibilidade de correspondência com certas palavras gregas. Ver-se-á, porém, que essa dupla operação possibilitará maior esclarecimento quanto às relações entre pessoa, substância e, por fim, subsistência. Constatada a disparidade entre a penúria do latim e a abundância da língua grega, o autor aproveitará a ocasião para distinguir, no capítulo 3 do opúsculo, os significados de cada uma dessas palavras, a fim de fixar uma terminologia filosófica greco-latina para tais casos, mas depois não deixará de reconhecer, no início do capítulo 4, que o arbítrio sobre essas questões é próprio da autoridade da Igreja.

Segundo a etimologia boeciana, o vocábulo latino “*persona*” sempre esteve relacionado a indivíduos, pois significa primeiramente a máscara que um ator utiliza para representar alguém e para ampliar e aperfeiçoar o som da voz (*personare*) através de sua abertura côncava. Daí, por extensão, “*persona*” ter também o significado de substância individual de natureza racional.

Feita essa consideração, Boécio passa à correspondência entre o latim e o grego. Quando “*persona*” significa uma máscara, seu correlato grego é “*πρόσωπον*”, mas quando “*persona*” significa uma substância individual de natureza racional, seu

singulorum indiuiduorum personae singulae nuncupantur. (MORESCHINI, 2000, p. 214).

20 [...] *sunt quae de aliis minime praedicantur* [...] (MORESCHINI, 2000, p. 214). Aristóteles chama esse tipo de “substância primeira” (*πρώτη οὐσία*), cf. *Cat.* 5.

21 [...] *naturae rationabilis indiuidua substantia.* (MORESCHINI, 2000, p. 214).

correspondente mais exato é “ὕποστασις”.

Todavia, na sequência do capítulo 3, o autor surpreendentemente redefine “ὕποστασις” como *naturae rationabilissubsistentia indiuidua* (subsistência individual de natureza racional): “Remotamente, porém, eles chamaram a subsistência individual de natureza racional com o nome mais expressivo de ὑπόστασις [...]”²² Nessa segunda aparição de termos derivados do verbo “*subsisto*”, o motivo da preferência por “*subsistentia*” em detrimento de “*substantia*” para traduzir “ὕποστασις” parece ser, justamente, a tentativa de reproduzir melhor, em latim, a peculiaridade desse vocábulo grego, a saber, ser algo não apenas limitado como na primeira ocorrência do verbo “*subsisto*”, mas ser algo efetivamente individual, particular. Mas então qual seria a diferença entre *substantia indiuidua* e *subsistentia indiuidua*? Segundo Cortázar (2017), como foi visto, nenhuma. Contudo, parece ser justamente para a clarificação da significação do termo “*subsistentia indiuidua*” que Boécio retomará a acepção da primeira aparição do verbo “*subsisto*” e dirá que “ὕποστασις” pode ser considerada de modo um pouco mais geral, desconsiderando o aspecto racional, de modo a significar apenas subsistência individual: “[...] a Grécia, mais precisa nas palavras, chama ὑπόστασιν a subsistência individual”. (SAVIAN FILHO, 2005, p. 166).²³ De fato, nesta terceira ocorrência relacionada ao verbo “*subsisto*”, o termo “*subsistentia*” possui a mesma significação da primeira ocorrência de “*subsisto*”: ser algo limitado, de modo que a individualidade, a racionalidade e outras diferenças sejam apenas acréscimos para além do significado primordial do termo “*subsistentia*”. A questão a ser primeiramente respondida torna-se, portanto, a seguinte: seria subsistência, tal como parece, o mesmo que substância? Se forem o mesmo, conseqüentemente subsistência individual será o mesmo que substância individual, mas se as primeiras não o forem, haverá diferença entre subsistência individual e substância individual.

Torna-se forçoso investigar, portanto, o restante do capítulo 3, onde há muitas ocorrências do verbo “*subsisto*”. Boécio diz ali que toda a nomenclatura relacionada à substância e à subsistência pode ser resumida numa única palavra, a saber, “*essentia*” (“essência”), cujo correlato grego é “οὐσία” e que significa genericamente qualquer ser

22 *Longe uero illi signatius naturae rationabilis indiuiduam subsistentiam ὑπόστασις nomine uocauerunt [...]* (MORESCHINI, 2000, p. 215).

23 [...] *peritior Graecia sermonum ὑπόστασιν uocat indiuiduam subsistentiam.* (MORESCHINI, 2000, p. 215).

(εἶναι; *esse*).²⁴ Porém, quando é preciso especificar os modos possíveis de ser, é preciso que tais modos sejam referidos por meio de vocábulos adequados, conforme a já citada frase em grego e em latim do final do capítulo 3 (cf. nota 4). Assim, ele chegará a duas decisões. Em primeiro lugar, quando uma essência é um universal, chamar-se-á, sobretudo, “subsistência/*subsistentia*/οὐσίωσις”, pois é um simples subsistir/*subsistere*/οὐσιῶσθαι, abandonado-se assim a expressão e a significação conceitual de “substância universal/*substantia uniuersalis*”. Em segundo lugar, quando se tratar de algo particular, chamar-se-á “substância/*substantia*/ὑπόστασις”, na medida em que é uma subsistência “particularmente” (*particulariter*), “em indivíduos e particulares” (*in indiuiduis et particularibus*), ou seja, um estar sob/*substare*/ὑφίστασθαι.²⁵ Logo, doravante fica estabelecido que, enquanto substância só pode ser no campo dos singulares, subsistência pode ser tanto neste domínio como no âmbito dos universais, de modo o termo “subsistência” serve justamente para explicar a possibilidade de uma forte correspondência entre os dois domínios, como também sustenta Erismann (2010).²⁶ Com efeito, substância e subsistência possuem significados distintos e são conceitos diferentes, ainda que possam ser, nos singulares, uma única coisa. Logo, tal distinção acarreta também a diferença, pelo menos semântica e conceitual, entre substância individual e subsistência individual, ao contrário da posição de Cortázar (2017).

Por conseguinte, diferentemente do entendimento de Cortázar (2017), também não se pode concluir que a noção de subsistência só se aplicaria a noções universais, tampouco que Boécio não teria compreendido o termo “*subsistentia*”. O que se pode ver, na verdade, é justamente a ênfase na versatilidade do termo *subsistentia* para mostrar a correspondência entre o que é singular e o que é universal, como indica Erismann (2010). Ademais, isso é importante, inclusive, para que seja entendida a riqueza e

24 Como diz Moreschini (2014, p. 85), “[...] *essentia is transcendent in itself: it is superior to all species, all genera and all individua and simply means ‘being’ in its most general meaning.*”

25 Deve-se concordar com a interpretação de Erismann (2010, p. 76) sobre o *CEN* quando diz, ainda que de modo mais desenvolvido por pressupor outros escritos de Boécio, que, “*According to Boethius, the subsistence of universal entities requires that they be immanent in particulars.*” Assim, “*Subsistere is the mode of being characteristic of genera and species as they are realised in individuals. Substare is the mode of being of individuals as they are the substrate of accidents.*” Essa posição é citada e assumida por Moreschini (2014, p. 86).

26 Erismann (2010, p. 76) notou muito bem a intenção boeciana de traçar uma correspondência entre os âmbitos do ser e da inteligência: “*The thesis of the subsistence of universals in individuals, a crossing-point between ontology and logic, provides an interesting marker according to which we may follow the slow and complex evolution of logical theses.*”

complementariedade da dupla definição de pessoa, como afirma Moreschini (2014)²⁷.

De fato, o recorrente uso do vocábulo “*subsistentia*” demonstra a sua aplicação não somente na ordem dos universais, mas também na ordem do ser. Na sequência do capítulo 3, Boécio faz justamente a última e importantíssima distinção entre subsistência e substância na ordem do ser:

Subsiste, pois, aquilo mesmo que não carece de acidentes para que possa ser. Está sob, porém, aquilo que subministra certo substrato para outros, os acidentes, para que possam ser; pois está sob eles na medida em que é substrato de acidentes.²⁸

Tomando os acidentes como critério de distinção, enquanto a substância é o substrato particular que recebe certos acidentes, a subsistência não precisa conter acidentes para ser o que é, na medida em que é um universal ou um simples substrato. Assim, na ordem do ser, em toda coisa individual a sua substância (ou estar sob) é simultânea à sua subsistência (ao seu subsistir):

Os gêneros ou as espécies subsistem apenas, pois os acidentes não concernem aos gêneros e as espécies. Os indivíduos, porém, não apenas subsistem, como, também, estão sob, pois não carecem dos acidentes para ser, uma vez que já foram formados por suas diferenças próprias e específicas, ao mesmo tempo que, sendo, por certo, substratos, permitem aos acidentes que eles possam ser. (SAVIAN FILHO, 2005, p. 167).²⁹

Alguns exemplos também confirmam esse duplo sentido de subsistência. Conforme a recapitulação feita pelo próprio autor no final do capítulo 3, toda a

27 Moreschini (2014, p. 89-90) tem razão ao dizer que “*Therefore, the subsistentiae must have two ontological levels: they are in the sphere of the genres and the species and in the sphere of the individual substances, because they offer a ground for the existence of accidents. Thanks to this twofold classification of subsistentia, we understand Boethius's moving from his explanation of persona, which at first sight is unaccountably introduced, because after defining persona as naturae rationabilis individua substantia, few lines after he speaks of an individua subsistentia.*”

28 *Subsistit enim quod ipsum accidentibus, ut possit esse non indiget. Substat autem id quod aliis accidentibus subiectum quoddam, ut esse ualeant, subministrat; sub illis enim stat, dum subiectum est accidentibus.* (MORESCHINI, 2000, p. 216).

29 *Itaque genera uel species subsistunt tantum; neque enim accidentia generibus speciebusue contingunt. Individua uero non modo subsistunt uerum etiam substant: nam neque ipsa indigent accidentibus, ut sint; informata enim sunt iam propriis et specificis differentiis, et accidentibus, ut esse possint, ministrant, dum sunt scilicet subiecta.* (MORESCHINI, 2000, p. 216-7).

nomenclatura que envolve a distinção entre substância e subsistência pode se tornar ainda mais clara com mais uma aplicação, desta vez nos casos de homem e Deus. Homem é essência na medida em que é; homem é subsistência porque “não é em nenhum substrato” (*in nullo subiecto est*), seja porque é um universal simplesmente, seja porque é um substrato que já é algo particular sem precisar de acidentes para ser; homem é substância na medida em que é um substrato que contem acidentes; e homem é pessoa na medida em que é um indivíduo racional. Essa terminologia gera, por sua vez, um notável ganho de clareza em teologia, pois se pode dizer com mais segurança, mesmo se analogicamente, que Deus é uma essência na medida em que é; que Deus é uma subsistência porque não carece de nada para ser, pois é “maximamente” (*maxime*); e que Deus é substância na medida em que está sob todas as coisas não como substrato, mas como princípio (*principium*) das coisas, pois está “[...] sob as coisas enquanto fornece a todas elas o οὐσιῶσθαι ou o subsistir.” (SAVIAN FILHO, 2005, p. 168).³⁰ Portanto, note-se mais uma vez que o termo “subsistência” não deve ser aplicado apenas às noções universais, pois pode ser utilizado até mesmo como um modo de dizer que Deus é.

4 As últimas ocorrências relacionadas ao verbo “*subsisto*” no *CEN*

Embora Boécio, após o capítulo 3, use com menos frequência o verbo “*subsisto*” e derivados, o sentido de substrato particular não desaparece. No capítulo 4, afirma-se que, embora um homem “subsista com a sua própria pessoa” (*cum propria persona subsistat*), não é possível que sua natureza humana seja de algum modo conjugada com a natureza divina. É claro, portanto, que tal subsistir não é aqui ser universal, mas ser algo particular independentemente de seus acidentes.

No capítulo 6, fala-se que “[...] todo corpo [...] que subsiste na geração e na corrupção parece ter matéria comum” (SAVIAN FILHO, 2005, p. 177)³¹, indicando que independentemente da necessidade de acidentes, tais corpos são substratos particulares e não, obviamente, noções universais.

30 [...] *subesset rebus, dum eis omnibus οὐσιῶσθαι uel subsistere subministrat.* (MORESCHINI, 2000, p. 219).

31 *Omne [...] corpus quod in generatione et corruptione subsistit communem uidetur habere materiam [...]* (MORESCHINI, 2000, p. 230).

Por fim, também no capítulo 6, a última ocorrência do verbo “*subsisto*” do opúsculo se refere ao erro de Êutiques ao sustentar que, em Cristo, “de duas naturezas subsiste uma” (*ex duabus naturis una subsistat*), o que mais uma vez atesta o sentido de “*subsisto*” como ser um substrato particular simplesmente, sem necessidade de acidentes, pois o “subsistir” não significa apenas ser universal.

Portanto, ao contrário da interpretação de Cortázar (2017) que iguala subsistência individual e substância individual, de modo a limitar o vocábulo “subsistência” somente para significar os universais, as evidências acima indicam que subsistência pode significar tanto o que é universal como o substrato individual independente de acidentes, pois é justamente esse importante termo que indica a necessidade de correspondência entre os campos do ser e da inteligência, como sustentam Erismann (2010) e Moreschini (2014).

5 Conclusão

A equivocidade dos termos “*subsistentia*” e “*substantia*” no *CEN*, por ser assunto de notória complexidade e, talvez, de difícil elucidação, apesar de avanços hermenêuticos recentes, ainda é objeto de muitas interpretações, algumas inclusive discutíveis, como a restrição de subsistência ao que é universal e a equiparação dos significados das expressões “*substantia indiuidua*” e “*subsistentia indiuidua*”. Contudo, pela análise dos três primeiros capítulos e pelo exame das ocorrências do verbo “*subsisto*”, pode-se chegar a dois resultados. O primeiro é que a equivocidade de “*substantia*” é resolvida pelo acréscimo dos adjetivos “*uniuersalis*” e “*particularis*”, mas, sobretudo, pela opção boeciana ulterior de reservar “*substantia*” para os substratos particulares que contêm acidentes, abandonando, assim a expressão “*substantia uniuersalis*”. O segundo resultado é que “*subsistentia*” continua um vocábulo equívoco, ora significando o que é universal, ora significando o que é substrato particular independentemente de acidentes, embora tais significações possam ser discerníveis pelo exame do contexto. Além disso, essa duplicidade semântica dos termos relacionados ao verbo “*subsisto*” parece, no entanto, proposital, já que Boécio visa justamente utilizá-la para marcar a necessidade de uma correspondência entre os domínios do ser e da inteligência.

REFERÊNCIAS

- ALLEN, J.; EMILSSON, E. K.; MANN, W.-R.; MORISON, B. (ed.). (2011). *Essays in Memory of Michael Frede*. Oxford: Oxford University Press.
- BARRETT, H. M. (1966). *Boethius: Some Aspects of his Times and Work*. Nova Iorque: Russell & Russell.
- BÖHM, T. *Boethius as a paradigm of Late Ancient Thought*, Berlim: De Gruyter.
- CAMERON, M; MARENBNON, J. (2010). *Methods and Methodologies. Aristotelian Logic East and West, 500-1500*. Leiden: Brill.
- CHADWICK, H. (1990). *Boethius. The Consolations of Music, Logic, Theology, and Philosophy*. Oxford: Oxford University Press.
- CORTÁZAR, B. C. de. (2017). The Notion of Person and a Transcendental Anthropology, from Boethius to Polo. Whether the Separated Soul is a Person, and whether the Person is the Whole or the *Esse* of Man, *Journal of Polian Studies* 4, pp. 81-117.
- COSTA, J. C.; PALEIKAT, J.; SOUZA, J. C. de. (1972). *Platão. Diálogos. O banquete – Fédon – Sofista – Político*. São Paulo: Abril Cultural.
- DALMASSO, G. (1996). Las definiciones de naturaleza en Boecio (1ª parte), *Patristica et Mediaevalia* 17, pp. 16-37.
- ERISMANN, C. (2010). *Non est natura sine persona: The Issue of Uninstantiated Universals from Late Antiquity to the Early Middle Ages*. In: CAMERON, M; MARENBNON, J. *Methods and Methodologies. Aristotelian Logic East and West, 500-1500*. Leiden: Brill.
- GUILLÉN, D. G. (1984). Persona y Comunidad. De Boecio a Tomás de Aquino, *Cuadernos Salmantinos de Filosofía* 11, pp. 63-106.
- KING, P. (2011). Boethius' Anti-realist Arguments. In: ALLEN, J.; EMILSSON, E. K.; MANN, W.-R.; MORISON, B. (ed.). *Essays in Memory of Michael Frede*. Oxford: Oxford University Press, cap. 17.
- MARENBNON, J. (2003). *Boethius*. Nova Iorque: Oxford University Press.
- MORESCHINI, C. (2000). *Boethius. De Consolatione philosophiae; Opuscula theologica*. Leipzig; Munique: K. G. Saur. Edição, aparato crítico e prefácio.
- _____. (2014). *Subsistentia* according to Boethius. In: BÖHM, T. *Boethius as a Paradigm of Late Ancient Thought*. Berlim: De Gruyter.
- SAVIAN FILHO, J. (2005). *Boécio. Escritos*. São Paulo: Martins Fontes. Tradução, notas e introdução.
- STALLBAUM, G. (1980). *Plato. Platonis Opera Omnia*. Nova Iorque: Garland, vol. 8. Edição, aparato crítico e introdução.